

Colecionismo na Modernidade

Helena Vieira Leitão de Souza*

Resumo: Nosso objetivo é tratar de algumas questões relacionadas às práticas de colecionismo de objetos antigos considerados artísticos na primeira modernidade. Trata-se de uma prática que, embora já realizada na Antiguidade e na Idade Média, consolidou-se no início do Renascimento, assumindo um caráter distinto do que era conhecido – pela primeira vez objetos “recolhidos” ganham um espaço próprio para serem vistos, estudados e admirados, bem como para servirem como elementos constitutivos de uma identidade histórico-cultural. Procuraremos demonstrar como esta coleta de objetos e sua exibição, articulava-se com as novas experiências dos homens daquela época em relacionar-se com o passado clássico para a formação de um mundo moderno. Destacaremos o papel dos primeiros homens a realizarem essa prática e àqueles que os financiavam, sublinhando as relações entre ética e estas práticas.

Palavras-chave: Colecionismo – Renascimento - Museus

Abstract: Our objective is to deal with some issues regarding the collecting practices of ancient objects considered artistic during the first modernity. It is a study of a practice that, although present in the Antiquity and the Middle Ages, was consolidated during the early years of the Renaissance and characterized in a different way – to the “taken” object are given special places to be admired, studied and observed; and they also may be used as an element for the constitution of an historic-cultural identity. Thus, we shall demonstrate how the collecting of this objects and their exhibition are connected to the new experiences of the relation between the classic past and the building of a modern world at that time. Also, we shall highlight the first men with that practice and the ones that financed those men, emphasizing the relations between ethics and these practices.

Key-words: Collecting – Renaissance – Museums

Colecionar objetos é, certamente, uma prática antiga realizada pelas sociedades. Pode ser uma atividade perpassada pela ética ou não: e longas discussões já foram e ainda poderão ser feitas sobre o que é lícito ou não colecionar, principalmente se o objeto ambicionado for pertencente a uma outra sociedade. O que se sabe é que esta é uma prática há muito conhecida e realizada pela humanidade. Sabemos que mesmo na época conhecida como Paleolítica essa atividade já era realizada, embora nos seja praticamente impossível saber o *porquê*.

Sabemos também que o hábito de colecionar persistiu durante toda a Antiguidade e a Idade Média, chegando ao Renascimento – a época de formação do Mundo Moderno, que nos interessa no presente trabalho – pronta para se tornar uma prática diferenciada. Não que a

* Pós-graduanda em Geologia do Quaternário pelo Museu Nacional/UFRJ. Bacharel em História pela UFRJ e Graduada em Museologia pela UNIRIO.

atividade de colecionar perdesse sua essência, que se resume no costume de acumular objetos raros, exóticos (normalmente considerados estéticos) ou que chamam a atenção ¹. O que faz o colecionismo diferente no Renascimento é o fato de que a esse hábito passa a agregar alguns dos valores que permeavam o Mundo Moderno em construção.

Entretanto, devemos refletir sobre o que é “coleccionar”. “Colecionar” é juntar, reunir. Mas, reunir o quê? Como dissemos acima, objetos que chamassem a atenção por algum motivo (normalmente, por suas características diferentes ou estéticas). A coleção seria o resultado dessa atividade, o agrupamento desses objetos que, ao serem colecionados, são retirados de sua função usual, ganhando uma nova posição dentro do mundo: independente de seu uso anterior, numa coleção eles são protegidos, guardados e cuidados, para deleite e exibição. A função original é abstraída, em prol de uma ressignificação. Não mais os objetos são *utilizados*, eles são “*possuídos*” por alguém – o colecionador – formando um sistema de estatuto próprio – não que eles deixem de ter função, eles se tornam decorativos (mas não só isso) e passam a ter um papel específico em seu sistema próprio (ALMEIDA, 2001:123-124)

². Porém, o hábito de colecionar foi diferente ao longo da História. Na Antiguidade, sabemos de grandes coleções existentes nas sociedades egípcia, mesopotâmicas, grega e romana, normalmente associadas com espólios de guerra (ou seja, produtos de povos diferentes³). Os gregos, admiradores das artes, valorizavam a prática colecionista, tendo seu maior exemplo na coleção de esculturas e pinturas formada por Atalo I, exposta na Acrópole de Pergamo. Além disso, havia os santuários dos templos dedicados às musas (*Mouséion*), que recebiam doações, ex-votos e oferendas, ou seja, tesouros. Também é um *Mouséion* o colégio de filósofos em Alexandria, que continha o que hoje para nós seria um museu, uma universidade, a conhecida biblioteca de Alexandria e jardins zoológico e botânico (GIRAUDY e BOUILHET, 1990:19). Os romanos também realizavam as práticas de colecionar e expor – não só para demonstrar riqueza e curiosidades, mas também para deixar bem claro seu poder de dominação⁴ (ALMEIDA, 2001:127).

Na Idade Média o costume de reunir objetos permaneceu ativo principalmente através de igrejas e monastérios. Nesse caso, o interesse, naturalmente, era principalmente em

¹ Estamos tratando, de modo geral, de objetos os mais díspares possíveis, que vão desde os naturais até aqueles produzidos pelo homem.

² Não é à toa que alguns dos maiores e mais antigos Museus do mundo tenham sua origem nas coleções – particulares ou reais – e essa ideia esteja no âmago dessas instituições.

³ Assurbanipal removeu do Egito para Nínive, como troféu de guerra, 2 obeliscos e 32 esculturas, expostos à entrada de Assur.

⁴ Após os saques romanos em Siracusa, no ano de 212 a.C. e em Corinto em 146 a.C. foram criados depósitos a céu aberto para abrigar os frutos das pilhagens.

reliquias de santos, mas a Igreja acumulava também variados objetos doados pela população e pela realeza – realeza essa que também praticava o colecionismo – o que só iria aumentar durante as cruzadas – garantindo assim prestígio. Mas é a partir do século XV que se passa a colecionar objetos devido a novos interesses, interesses esses ligados a valores históricos, artísticos e documentais. As práticas colecionistas sofrem então grandes alterações.

Colecionismo no Renascimento

Durante a emergência do Mundo Moderno, juntamente com toda a mudança de valores que ocorre, o hábito de colecionar passa também por uma transformação: não mais se coleciona por colecionar, mas para se obter o prazer de contemplação. No Renascimento, os humanistas reuniram grandes coleções – profanas – e, pela primeira vez, surge à preocupação em dar-lhes um invólucro específico, um pequeno espaço privado, destinado ao estudo, à meditação e à contemplação (GIRAUDY e BOUILHET, 1990:23).

A valorização das culturas clássicas da Antiguidade é uma das características do Renascimento e o principal norteio do colecionismo nessa época. É verdade que não é o único: o ajuntamento de objetos do mundo natural também se tornaria forte no Mundo Moderno⁵, mas a admiração pelas obras de arte grega e romana era essencial não só para se ter uma bela coleção, mas também para se ter um maior conhecimento e aproximação com o Mundo Antigo. Os vestígios materiais da cultura clássica foram revestidos de imenso valor e grandes esforços para coletar e preservar eram realizados. Os renascentistas desejavam conhecer, comparar, compreender e admirar tudo aquilo que fosse belo, exótico e fantástico.

O patrocínio da nobreza e dos ricos burgueses foi um grande estímulo para a propagação do colecionismo pela Europa: peças exóticas (espécimes da fauna e da flora) e obras de arte da Antiguidade (e mesmo as modernas) vieram a compor aqueles que ficariam conhecidos como *Wunderkammer*, ou Gabinetes de Curiosidade, existentes desde o início do século XVI na Itália. Esses Gabinetes de Curiosidade foram os primeiros ambientes especificamente criados para receber as coleções, extremamente diversificadas⁶, fruto da curiosidade sobre o mundo, típica do homem renascentista. Inicialmente, eles eram em sua maioria dedicados ao estudo da História Natural. Eram feitas longas e minuciosas descrições das coleções, que eram inclusive publicadas. Num Gabinete de Curiosidade poderíamos encontrar os objetos mais díspares possíveis, desde encadernações e obras de arte antiga e

⁵ Os objetos do mundo natural vão desde aqueles da flora e da fauna coletados no Novo Mundo, na África e na Ásia a fósseis europeus que muitas vezes eram associados a tradições folclóricas (FERNANDES, 2005).

⁶ Reuniam animais, objetos e obras raras, fabulosas ou insólitas todos reunidos de modo confuso, amontoado.

moderna (bibelôs, estátuas, retratos e o que mais se poderia imaginar) até monstros⁷, fósseis minérios, múmias, objetos que hoje chamaríamos de etnográficos (trazidos do Novo Mundo recém-descoberto: remos, pirogas e adereços) etc (GIRAUDY e BOUILHET, 1990:23).

Convém notar que no final do século XV a palavra museu foi resgatada de sua origem na Antiguidade (onde não tinha nada a ver com a nossa concepção de museu), como uma homenagem à cidade de Alexandria e aos lugares que nela havia consagrados ao estudo e às discussões. O médico Paolo Giovio (1483-1552) construiu um *mouseion* para abrigar suas coleções.

É interessante notar, entretanto, que pouco a pouco, durante o Renascimento, foi se iniciando a divisão entre artes e curiosidades⁸: ao lado dos *Wunderkammer* apareceriam os *Shatzkammers* que reuniam menos raridades e espécimes de História Natural e mais objetos de alto custo, tais como ourivesaria, camafeus, esmaltes e gemas, miniaturas etc. Eram espaços pequenos e íntimos, organizados por amadores esclarecidos, humanistas, mecenas e mulheres de gostos, que neles expunham suas coleções particulares.

Havia também espaços maiores, destinados à exposição de obras-primas: as galerias. As galerias de aparato, encomendadas por monarcas, príncipes e papas para suas residências, deslumbravam⁹ os visitantes, por abrigarem obras excepcionais. As galerias eram, geralmente, salas muito longas, com numerosas arcadas ou janelas de um lado, pelas quais penetrava a luz que iluminava a parede oposta, onde se encontravam as pinturas. Os pisos eram de pedra ou madeira, contendo pedestais alinhados de esculturas antigas de mármore ou de pedra (GIRAUDY e BOUILHET, 1990:27). Veremos como todas essas “tendências” de colecionismo se apresentavam nos mais diversos países europeus.

Itália

Durante o Renascimento, os intelectuais italianos voltaram-se para a literatura remanescente da era clássica com o intuito de prover as cidades-estado de um passado glorioso – assim, também era possível justificar a crescente secularização da cultura. Os intelectuais obedeciam aos interesses da nobreza e da burguesia, de cujo patrocínio dependiam. Mas, na verdade, o uso de sociedades e culturas precedentes para justificar inovações tinha suas raízes na Idade Média, mas é no início da Modernidade que se expande a

⁷ Fabricados por charlatães, como a Hidra de Sete Cabeças existente no Gabinete do Rei francês Carlos IX, ofertada pela República de Veneza ou sereias vendidas pelos mercadores de Veneza, que nada mais eram que rabos de peixe costurados nos torsos de natimortos.

⁸ Que gerariam a divisão entre Museus de Arte e Museus de História Natural (os Museus Históricos nascem num período posterior, não visado neste artigo).

⁹ Pois era essa a sua função primordial, demonstrando a riqueza e cultura do anfitrião.

pesquisa e a busca de tais precedentes. O objetivo desses eruditos era entender e concorrer contra as gloriosas realizações da Antiguidade¹⁰.

A apreciação da Antiguidade que começou pela literatura logo se estendeu aos domínios da arte e da arquitetura, sendo estes os principais objetos de interesse da nobreza italiana e dos mercadores ricos, que se rivalizavam como patronos das artes. O estilo gótico foi rejeitado em prol de uma arquitetura que remetesse à arquitetura da Roma antiga. Isso demonstrou aos intelectuais da época que não apenas a palavra escrita, mas também os objetos materiais remanescentes do passado eram capazes de fornecer importantes informações e conhecimentos acerca da civilização clássica.

Um exemplo de intelectual que começou a ampliar sua visão dos livros para os vestígios materiais é Ciríaco de Ancona (1391-1452), mercador italiano que mereceu o título de primeiro arqueólogo, por ser um dos primeiros a realizar, durante vinte e cinco anos de sua vida, viagens pela Grécia e pelo Mediterrâneo, muitas vezes com o objetivo específico de coletar dados a respeito de monumentos antigos. Durante suas viagens, ele copiou inscrições, fez desenhos de monumentos e colecionou livros, moedas e obras de arte. Seu principal interesse eram as inscrições públicas. Chegou a escrever seis volumes de comentários sobre inscrições, que foram destruídos pelo fogo em 1514 – mas algumas de suas obras sobreviveram (TRIGGER, 2004:36).

O colecionismo era praticado na Itália principalmente em Florença, realizado pela poderosa família Médici, que tinha um grande apreço pelas artes. Lorenzo, o Magnífico, ainda no século XV já possuía até um conservador de coleções: o artista Bertolo, discípulo do escultor Donatello. Convém notar que é justamente em Florença que surge a acepção moderna do termo *museum*¹¹, na segunda metade do século XV, através de Cosimo I (1519-1574), que utiliza o termo para se referir a sua coleção particular. Além disso, Cosimo I pediu, em 1560, ao pintor e arquiteto Giorgio Vasari (1511-1574) que construísse um prédio que funcionasse como escritórios da magistratura de Florença, a conhecida *Galleria degli Uffizi*, cujo terceiro andar foi reservado para guardar as obras de arte da família – nesta coleção estavam objetos de arte antigos e modernos (TRIGGER, 2004:36). Logo, a *Galleria degli Uffizi* foi o primeiro edifício construído para abrigar uma coleção, ou seja, o primeiro museu moderno e a primeira galeria¹².

¹⁰ Embora no início se duvidasse que tal intento fosse possível.

¹¹ O vocábulo *museum*, usado por Cosimo I, provém do latim, enquanto que *mouseion*, usado por Paolo Giovio, vem do grego – ambos tinham acepções diferentes na Antiguidade e foram usados no Renascimento por pessoas diferentes, mas significando praticamente a mesma coisa.

¹² Em 1769 ela seria aberta ao público, como museu.

Em Roma o colecionismo era praticado primordialmente pela Igreja; papas como Paulo II (1418-1471) e Alexandre VI (1431-1503) coletavam e exibiam obras de arte antigas, patrocinando buscas sistemáticas de recuperação desses objetos. Ainda em 1462, o papa Pio II (1405-1464) promulgou uma lei com o propósito de preservar edifícios antigos nos estados papais e em 1471 Sixto IV (1414-1484) proibiu a exportação de blocos de pedra e estátuas de seus domínios¹³. O Papa Júlio II (1443-1513) deu origem ao acervo dos Museus do Vaticano, reunindo uma série de esculturas num espaço próprio, o *Cortile Ottagono*. Um dos principais destaques da coleção papal era a escultura de mármore da Antiguidade *Laocoonte e Seus Filhos*, descoberta em Roma no ano de 1506. O grande artista do Renascimento, Michelangelo, inspirou-se no Torso Belvedere de Apolônio, também pertencente à coleção de Júlio II, para realizar as figuras masculinas do teto da Capela Sistina (ALMEIDA, 2001:129).

Também existiam na Itália os equivalentes aos *Schatzkammers* germânicos, os *Studiolos*, cujo mais célebre era o pertencente à Marquesa de Mântua Isabella d'Este (1474-1539), que para seu castelo encomendou aos mais famosos pintores italianos composições alegóricas a partir de temas cujos croquis ela própria elaborara. Andrea Mantegna foi o artista convidado para pintar as paredes dos aposentos privados com cenas mitológicas e foi também o autor do objeto mais precioso do *Studiolo*, o quadro *Parnaso*¹⁴ que era exibido à admiração dos visitantes selecionados que penetravam nesse gabinete do Palácio Ducal, após atravessarem um jardim onde estavam réplicas de célebres esculturas.

Inglaterra

A Inglaterra, como outros países sem a identificação total com a Roma Antiga, seguiu alguns caminhos diferentes da Itália. Em sua maioria as coleções de antiguidades se compunham de relíquias eclesiásticas ou de parafernália de famílias nobres. No final do século XV, pesquisadores como William of Worcester (1415-1482) trabalhava em uma descrição do reino britânico que envolvia medir e descrever os edifícios antigos, mas o interesse pelos vestígios materiais só aumentou quando o Rei Henrique VIII (1491-1547) mandou destruir os monastérios: o desmantelamento desses marcos e a dispersão de suas bibliotecas fez com que os eruditos passassem a registrar aquilo que estava sendo destruído, tal como faziam com os monumentos do passado remoto. Dessa maneira, o estudo de remanescentes físicos passou a complementar o estudo de testemunhos escritos e tradições

¹³ Convém lembrar que as escavações realizadas nessa época não eram como as que se procede hoje em dia, mas um simples cavar em busca de objetos de valor estético e comercial.

¹⁴ Também conhecido como *Marte e Vênus*, que hoje se encontra no Museu do Louvre.

orais, dando origem a uma nova tradição de antiquários, que eram oriundos da classe média que se expandia. Para esses patriotas, as antiguidades locais eram um bom substituto para as antiguidades gregas e romanas. Visitavam monumentos que datavam dos períodos medieval, romano e pré-histórico e registravam lendas e tradições relativas a esses sítios (TRIGGER, 2004: 46). Inscrições clássicas, obras de arte e monumentos eram sistematicamente estudadas por antiquários locais, como William Camden (1551-1623), ainda no século XVI. Camden concentrou-se principalmente em ruínas medievais e romanas e foi membro fundador da Sociedade dos Antiquários¹⁵. Porém, o grande valor monetário atribuído a obras de arte de alta qualidade tendia a restringir a pesquisa desses materiais e da arqueologia clássica à nobreza ou aos eruditos patrocinados por nobres.

Alguns antiquários faziam coleções de curiosidades locais e exóticas. John Twine (?-1581) colecionou moedas romano-britânicas, cerâmica e vidraria, além de estudar fortalezas e megalitos. Uma coleção de curiosidades mais variada e extensa, feita pelo jardineiro real John Tradescant (1570-1638) tornou-se, no fim do século XVII a coleção científica¹⁶ da Universidade de Oxford, que no ano de 1683 foi inaugurada na presença do então Duque de Iorque e futuro Rei James II (1633-1701), com o nome de *Musaeum Ashmoleanum*, formando a partir da doação de Elias Ashmole. Assim, a Universidade consagrava como parte importante da formação de seus alunos o contato direto com os objetos (ALMEIDA, 2001:130), criando o primeiro museu pedagógico.

França

Ao contrário da Inglaterra, a tradição colecionista na França era realizada basicamente pela família real. Na França medieval, ruínas romanas e pré-históricas eram atribuídas a heróis como Carlos Magno e Rolando, e santos locais, mas com a Renascença, as antiguidades romanas foram logo identificadas com o que realmente eram, mas a tradição francesa não se prendia muito a isso, concentrando-se em obras de arte.

Em Fontainebleau, o Rei Francisco I (1494-1547) abriu cinco vastas galerias¹⁷, para expor suas magníficas coleções de quadros e esculturas (GIRAUDY e BOUILHET, 1990:27), além de ter convidado Leonardo da Vinci para lá. O rei era um grande colecionador de estátuas clássicas de mármore e bronze, locais e importadas. Henrique IV (1553-1610)

¹⁵ Uma associação londrina fundada em 1572 para o estudo e preservação de antiguidades nacionais.

¹⁶ Já conhecida como museu.

¹⁷ As mais antigas que se tem notícia

também praticava tais coleções. Estudos acadêmicos da época se concentraram nas inscrições romanas, as antiguidades pré-romanas eram ignoradas. (TRIGGER, 2004:49).

Outros Países

Na Alemanha, a redescoberta, em 1451, da obra *Germânia* do romano Cornélio Tácito (cerca de 56-120), que continha uma descrição detalhada dos costumes dos antigos germanos, levou aos eruditos a usar fontes clássicas no lugar das lendas medievais no estudo de sua história. Isso levou ao lançamento do primeiro estudo histórico da antiga Germânia, o *Germaniae Antiquae*, de Philipp Clüver (1580-1622), publicado em 1616. Sua pesquisa levou a um crescente interesse pelos vestígios materiais do passado. A escavação de antas em Marzhana, na Saxônia, em 1587, foi uma das primeiras na Europa que procurou, ao invés de tesouros para enriquecer uma coleção, responder a uma questão: os vasos achados nessa estrutura eram manufaturados ou formados naturalmente? Esforços também foram feitos para classificar megalitos e vasos funerários de acordo com a forma e uso (TRIGGER, 2004:50).

As pesquisas antiquárias desenvolveram-se na Escandinávia somente no século XVI, por conta da rivalidade política e militar que se seguiu à separação da Suécia e da Dinamarca, em 1523. Os estudiosos renascentistas eram tão fascinados por sua herança nacional quanto os ingleses, sendo incentivados por reis como Cristiano IV da Dinamarca (1577-1648) e Gustavo Adolfo II da Suécia (1594-1632) a extrair de testemunhos históricos e do folclore uma imagem de grandeza, lisonjeira, de suas nações. O patrocínio real permitiu que os antiquários fizessem o registro dos monumentos de maneira meticulosa e sistemática. Johan Bure (1568-1656), um funcionário público sueco e Ole Worm (1588-1654), um médico dinamarquês, documentaram um grande número de lápides rúnicas e coletaram informações a respeito de tumbas megalíticas mais antigas e de inscrições rupestres (TRIGGER, 2004:48).

O Imperador do Sacro-Império Romano Rodolfo II (1552-1612), rei da Boêmia e da Hungria, monarca conhecido por suas excentricidades, acumulou mais de vinte mil objetos, conservados em quatro quartos. Pesquisas eram realizadas na Hungria e nos países eslavos: políticos, clérigos e acadêmicos incorporaram descobertas arqueológicas às suas coleções de curiosidades, sendo que em algumas das coleções principescas, descobertas locais eram exibidas ao lado de estátuas e vasos pintados importados da Itália e da Grécia. Foram feitas algumas escavações para recuperar artefatos e ocasionalmente foram promulgadas leis para proteger antiguidades e garantir a realização de novas descobertas para a coleção nacional (TRIGGER, 2004:50).

Considerações

Pudemos ver, através dessas breves descrições de como se davam o colecionismo e a busca pelos artefatos e monumentos de origens durante o Renascimento que cada país tendia a seguir rumos diferentes, embora a busca por uma legitimação através da Antiguidade Clássica. Naturalmente, as cidades-estado da Itália se encontravam numa posição mais privilegiada, o que levou aos outros países a uma busca pelo que havia de romano em seu território. Em momentos posteriores (a Era das Luzes e o século XIX) países como Inglaterra e França, dentre outros, passarão a buscar e valorizar seu passado “nacional”, mas durante esse período de constituição da Modernidade, somente aquilo que tivesse ligação com Roma era buscado, preservado e colecionado.

Entretanto, não se pode esquecer que, apesar da prática colecionista nessa época visar somente àquilo que estivesse relacionado com a Antiguidade greco-romana¹⁸, esses primeiros interessados – nobres, burgueses e eruditos – embora realizassem suas buscas de modo ainda precário e sem muitas preocupações com o que se poderia perder, foram também os responsáveis para que as primeiras pesquisas fossem feitas e para que os núcleos de muitos museus fossem formados.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. *O “Colecionismo Ilustrado” na Gênese dos Museus Contemporâneos*. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 33, 2001.
- BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- FERNANDES, A. C. S. *Fósseis: Mitos e Folclore*. Anuário do Instituto de Geociências (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 101-115, 2005.
- GIRAUDY, Daniele e BOUILHET, Henri. *O Museu e a Vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.
- GOMBRICH, Ernst. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- TRIGGER, Bruce. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

¹⁸ Pois mesmo as civilizações do Egito e da Mesopotâmia só seriam descobertas e valorizadas mais tarde.